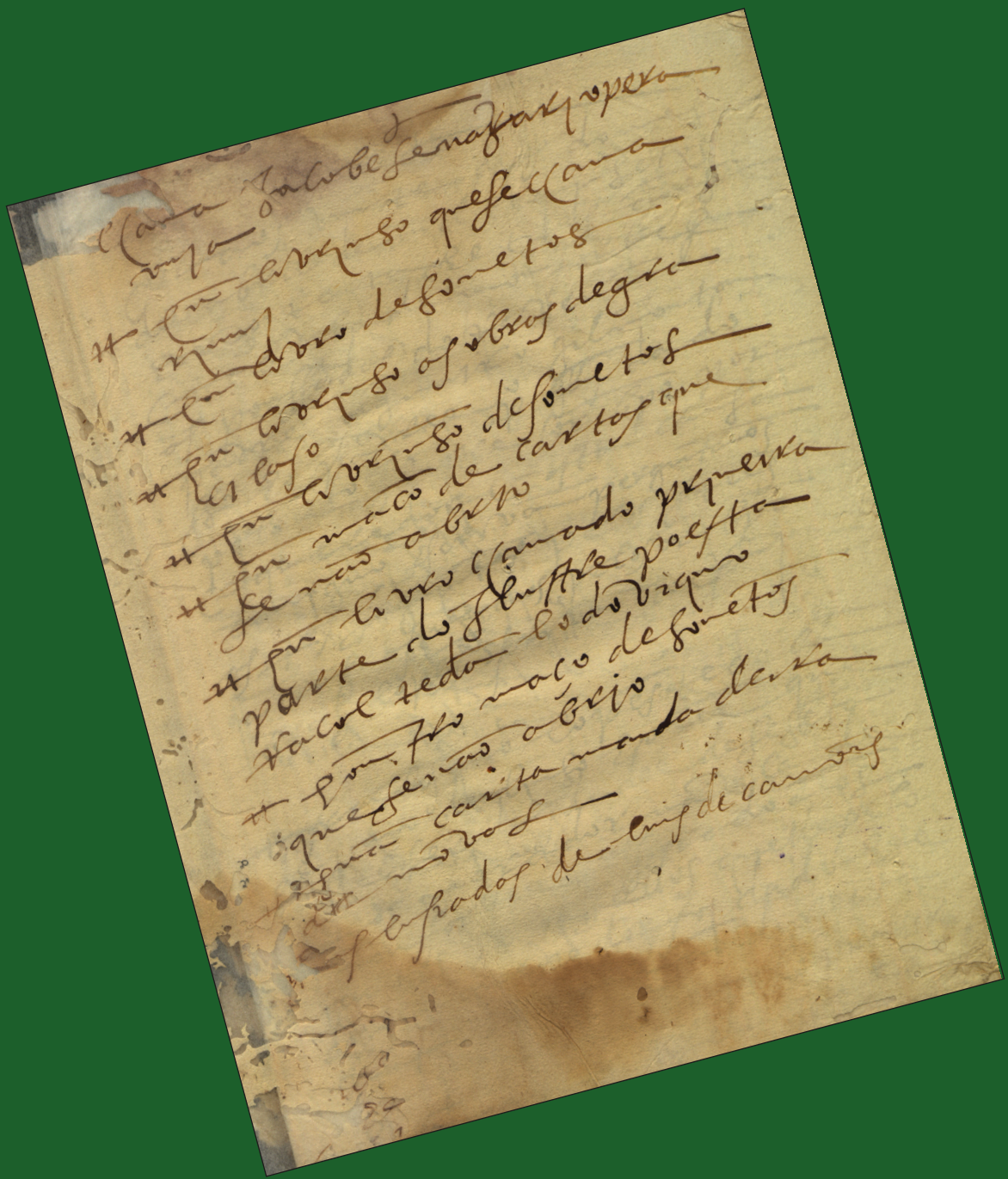
FRAGMENTA HISTORICA 12
Revista do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa



FICHA TÉCNICA

Título

Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática – N.º 12 (2024)

ISSN

1647-6344

Editor

Centro de Estudos Históricos

Director

João José Alves Dias

Conselho Editorial

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutor em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

Conselho Científico

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Gerhard Sailler (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João Costa (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

João Paulo Oliveira e Costa (CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

Design Gráfico

Ana Paula Silva

Índices

Pedro Pinto

Imagem de capa

TT, Inquisição de Lisboa, Proc. 8191, imagem 39

FRAGMENTA HISTORICA 12
REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

SUMÁRIO

Editorial, p. 9
João José Alves Dias

Imagem da capa: "Sesudo ou mentecapto": Álvaro Fragoso, cantor, tangedor, quiçá poeta e um leitor precoce d'*Os Lusíadas* no Monforte tardo-quinhentista, p. 11
Pedro Pinto

ESTUDOS

Portugal e França: novos ecos documentais de uma relação relevante no estudo da Europa Moderna (1560-1608), p. 17
Nuno Vila-Santa

MONUMENTA HISTORICA

Rui Pedro Neves, João Pedro Inácio Costa, Luís Miguel Rêpas, Miguel Augusto Luís, Mário Farelo, António Castro Henriques, Catarina Rosa, Fábio da Conceição Almeida Gonçalves, Thiago Henrique Alvarado, Joana Lages Gonçalves, Daniela Fernandes dos Santos, Fábio Duarte, Kate Lowe e Nuno Vila-Santa, Carlos Silva Moura, Hugo Marim Silva Paixão, Miguel Rodrigues Lourenço, Alexandre Nascimento, Joana Gomes Soares, Clara Braz dos Santos, Luís Seabra Lopes, Diogo Moreno
A ordem dos documentos desta secção encontra-se nas páginas seguintes (4 a 8)

ÍNDICE

Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 289

LISBOA
2024

MONUMENTA HISTORICA – Ordenação da documentação

Trutesindo doa ao Mosteiro de São Pedro e Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Paradela [c. 1172-1174?], p. 43

Registo de diversos imóveis situados em Guimarães que pertenciam ao Mosteiro de Pedroso [post. 1172], p. 45

Pedro Neto realiza uma permuta com Dona Goldregodu (1173), p. 47

Pedro Gonçalves e sua esposa vendem uma herdade a Gonçalo Pais, abade do Mosteiro de Pedroso (1173), p. 49

Pedro Viegas e o seu irmão vendem e Pedro Gonçalves um *hereditate* situada na *villa* de Espargo (1174), p. 51

Mendo Davides realiza uma doação *post mortem* ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso (1175), p. 53

Marina Peres vende a Gonçalo Pais, abade do Mosteiro de Pedroso uma *hereditate situada em* Vila Cova (1175), p. 55

Os filhos de Gonçalo Infanção vendem a Pedro Gonçalves uma *hereditate* situada em Fiães e Gualtar (1176), p. 57

Pedro Gonçalves vende a Gonçalo Pais e Pedro Pais uma *hereditate* situada em Espargo de Baixo (1177), p. 59

Soeiro Godesteis renuncia em favor do Mosteiro de São João de Pendorada a todas as reivindicações anteriormente disputadas (1178), p. 61

Maria Pais vende a Pedro Gonçalves uma *hereditate* situada na *villa* de Gualtar (1180), p. 63

Mendo Mendes e a sua esposa doam à igreja de Santa Maria e ao Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Seixezelo, p. 65

Pedro Capelu e sua esposa fazem um acordo com D. Martinho, bispo do Porto e o cabido da mesma diocese (1187), p. 67

Madreona reealiza uma permuta com Pedro Martins, abade do Mosteiro de Pedroso (1188), p. 69

Pedreiro Salvador vende um casal situado em Paradela (1190), p. 71

Afonso Rodrigues vende a Henrique Fernandes uma *hereditate* situada em *villa Saa* (1193), p. 73

Gonçalo, abade do Mosteiro de Pedroso, concede a Pedro Miguel e sua esposa o usufruto de uma *hereditate* em *Veer* (1193), p. 75

O abade Pedro do Mosteiro de Pedroso estabelece um pacto com Afonso Dias e João Dias (1195), p. 77

O abade Pedro e o Mosteiro de Pedroso resolvem disputa com Álvaro João sobre a *hereditate* de *Louri,* que retornará ao mosteiro após a morte deste e sua esposa (1195), p. 79

O abade Melendo, de São João de Pendorada, vende ao Mosteiro de Pedroso um casal em Mexedo (1195), p. 81

Pedro Viegas e sua família vendem a Loba Godinis uma *hereditate* na *villa* de Lavandeira (1195), p. 83

Gonçalo Pires vende ao Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Gondinhães (1196), p. 85

Mendo Pais, Pedro Anes e Ausenda Peres vendem ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso um terço de uma propriedade em Afonsim (1196), p. 87

Soeiro Peres, Mendo Peres e Maria Peres vendem ao abade Pedro e ao Mosteiro Pedroso uma *hereditate* na *villa* de Vila Cova (1197), p. 89

Martim Dias e Rodrigo Dias vendem a seu tio, Pedro Pais de Valadares, uma *hereditate* nas *villae* de Valadares e Moure (1197), p. 91

Registo de diversos imóveis que pertenciam ao Mosteiro de Pedroso (1197-1226), p. 93

O abade Pedro de Pedroso concede dois casais a Mendo Dias como prestimónio com uma renda anual, mas sem direito hereditário, estipulando sua devolução ao mosteiro após a morte de Mendo (1198), p. 95

Gonçalo Pires, conhecido como Brandão, vende ao abade de São Pedro de Pedroso uma *hereditate* em Sanguinhedo por dezasseis morabitinos (1198), p. 97

Soeiro Pais e sua esposa, Maria Gonçalves, vendem ao abade Pedro do Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* na *villa* de Figueiredo (1198), p. 99

Urraca Viegas doa ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso um casal situado na *villa* de Pindelo (1199), p. 101

O abade Pedro do Mosteiro de Pedroso concede a Estêvão Gonçalves um casal na *villa* de *Palácio de Zaganes* (1199), p. 103

Pedro Dias e sua esposa doam dois casais situados em Vilar Seco ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso (1200), p. 105

Venda de uma herdade em Albarrol, termo de Miranda (1240), p. 107

Carta de venda de uma herdade em Chão de Couce por 27 libras (1273), p. 109

Carta de arrendamento de uma vinha, uma adega e duas casas em Penela e seu termo (1273), p. 111

Contrato de carpintaria do paço de Almoster (1305), p. 113

Carta de proteção de D. Dinis ao Mosteiro de Almoster (1310), p. 115

Traslado em pública-forma de uma carta da rainha D. Isabel de 1313 que manda que os viajantes entre a Beira e Abrantes ou Punhete abandonem a estrada costumada e passem por dentro da aldeia do Sardoal (1315), p. 117

Testamento de Lourenço Nogueira (1318), p. 119

Último testamento de Lourenço Peres (I), Uchão do infante D. Afonso (1321), p. 123

Testamento de Lourenço Peres (II), tesoureiro do rei (A. 1325), p. 127

Codicilo ao testamento de Lourenço Peres (II), tesoureiro do rei (1325), p. 131

Testamento de Lourenço Peres [II] (A. 1326), p. 133

Testamento de Constança Eanes Palhavã (1327), p. 137

Testamento de D. Francisco Domingues, cónego de Lisboa e prior da Alcáçova de Santarém (1328), p. 141

Instrumento de que consta a tomada do conto dos herdeiros dos feitores do Lamegal (1359), p. 149

Testamento de Mestre João das Leis (1383), p. 153

Certidão passada pelos contos do pagamento de metade da décima devida pelo cabido de Coimbra que fora feito por Antão Martins, prior de Penacova (1420), p. 161

Acordo entre o concelho do Sardoal e Vicente Bastino para que se faça uma estalagem naquele lugar (1422), p. 163

Emprazamento de casas do Mosteiro de São Vicente de Fora junto com o adro da igreja de Santa Justa a Beatriz Nunes de Beja, servidora que foi do Mestre de Santiago (1422), p. 165

Carta de profissão de Antão Rodrigues, cónego de Santa Cruz de Coimbra, no Mosteiro de São Vicente de Fora (1423), p. 169

Confirmação da eleição de D. Lourenço Eanes como prior-mor do Mosteiro de São Vicente de Fora pelo lugar-tenente de D. Pedro, arcebispo de Lisboa (1424), p. 173

Traslado em pública forma de uma carta de D. Fernando I relativa à jurisdição cível e crime de Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Azurara e Pindelo (1480), p. 175

Traslado de sentença relativamente à disputa da jurisdição sobre Cantanhede e a terra de Melres entre D. Telo de Meneses e D. Pedro de Meneses (1481), p. 177

Carta que o prior do Prado de Castela escreveu a El-Rei D. João sobre uma baixela de prata que lhe mandou (1483), p. 183

Carta de D. Manuel I de Portugal a Fernando II, o Católico, a pedir que deem saca aos lavradores portugueses que foram lavrar pão a Castela (1510), p. 187

Conta do que se deu ao rei D. Manuel I do que rendiam as alfândegas dos portos de Trás-os-Montes em 1515-1517 (1518), p. 189

Carta de D. Agostinho de Ribeiro, bispo de Lamego, a D. João III sobre o envio do traslado de um breve e o estado da Inquisição de Lamego (1543), p. 191

A brief story of ye kings of Portugal (Breve história dos reis de Portugal) [1569-1573], p. 195

Regimento do rei D. Sebastião para se realizar a venda do direito real dos "10 reais de Ceuta" aos povos das comarcas de Entre Douro e Minho e de Trás-os-Montes (1572), p. 203

Carta de D. Sebastião para o Papa Gregório XIII (1574), p. 215

Carta de perdão dada a Simão de Camões, morador em Évora (1592), p. 217

Relação anual de eventos na Ásia (1606), p. 219

Breve relação de várias novas do Estado da Índia e de Vijayanagar do ano de 1616 (1616), p. 225

Notícia sobre as catástrofes naturais ocorridas na província do Norte (1619), p. 233

Piratas na costa de Loulé (1620), p. 235

Relação da receita do Reino de Portugal e do Império por Fernando Loureiro (1621), p. 237

Relatório da Junta criada para tratar do benefício das terras sobre a agricultura em Portugal (1624), p. 245

Lembrança das cartas dos prelados da Junta de Tomar para o monarca (1629), p. 2531

Informação de Pero de Almeida Cabral ao rei D. Filipe III sobre o reino de Monomotapa e rios de Cuama (1630), p. 253

Carta de Manuel da Cunha e Teive ao rei D. Filipe III sobre a fortaleza da Mina e de Axem (1632), p. 259

Carta do Bispo de Meliapor a Frei Pedro de São José, provincial da Ordem de Santo Agostinho (1697), p. 263

Oração fúnebre nas exéquias do ilustríssimo e excelentíssimo senhor conde de Bobadela (1763), p. 267

Ata de reunião da vereação da cidade de Aveiro (19.1.1763), p. 273

Ata de reunião da vereação da cidade de Aveiro (29.1.1763), p. 275

Declaração do escrivão do senado da câmara de Vouga sobre os rendimentos da barca de passagem dessa vila nos anos de 1762 a 1776 (1781), p. 277

Aviso régio mandando realizar obras na ponte de Vouga (1791), p. 281

Carta em que a vereação de Vouga informa o Duque de Lafões sobre uma nova arrematação da barca de passagem dessa vila (1791), p. 283

D. João manda regressar ao Pinhal de Leiria todas as pessoas que se refugiaram na capital por motivo das invasões francesas (1811), p. 285

Disposições para o novo Regulamento das Matas Nacionais (1824), p. 287

BREVE RELAÇÃO DE VÁRIAS NOVAS DO ESTADO DA ÍNDIA E DE VIJAYANAGAR DO ANO DE 1616 (1616)

Transcrição de Hugo Marim Silva Paixão
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Resumo

1616, Cochim, dezembro, 12

Breve relação de várias novas do Estado da Índia e de Vijayanagar do ano de 1616, redigida por Manuel Barradas, membro da Companhia de Jesus.

Abstract

12 December 1616, Cochim

Brief list of several items of news from the State of India and from Vijayanagar in 1616, written by Manuel Barradas, member of the Society of Jesus.

Lisboa, Torre do Tombo, Cartório Jesuítico, maço 36, doc. 95.

© *Fragmenta Historica* 12 (2024), (225-232). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

[1]DOCUMENTO

[sinal da cruz]

Breue Rellação de varias nouas do estado da Jndia do anno de 616

Veyo no verão passado o Capitão mor do Malauar Dom Bernardo de Noronha co*m* intento de desalojar o Samorim que tendo guerra com El Rey de Cochim tem a fort*ale*za de Cranganor de cerco, mas tornou se sem mais effeito que dar animo ao inimigo, e tempo pera se fortificar, comtudo huns nauios, que daquy mandou lhe queimarão em Calecuth hum paguel que hia pera Meca, tornou se deixando guerra aberta e publicada com o Samorim. Chegado a Goa acabou em outo ou dez sem confissão.

Estando Dom Bernardo aqui em Cochim chegarão a Paliporto que he o Rio da nossa fortaleza de Cranganor duas Naos Jngrezas, e hum pataxo, e trazião ja outra <de> preza de hum casado de Cochim que tomarão em Barcelor com pouca ou nenhu*m*a carga e sem gente. Aqui fallarão com o Samorim, dezembarcando o Capitão Mor dellas que era hum homem velho de 60. ou 70. annos grande herege, e inimigo dos portuguezes não quiz desembarcar sem refens que o Samorim lhe deu, mas tanto que esteue em terra os mandou desembarcar.

Derão de prezente ao Samorim hum ou dous caixões de dinheiro, e duas pecas de artelharia, e o Samorim a elles tres aneis de pedras de estima, e hum colar de ouro, deixarão entregues ao Samorim tres Jngrezes com d*inhei*ro pera fazerem pimenta, e outras mercadorias. Hum que era bombardeiro lhe tomou El Rey de Cochim, os outros mandou o Samorim pera Calecuth, que pera sua feitura lhe entregasse*m* a Casa e Jgreja dos P*adr*es da Comp*anhi*a onde o principal morreo dizem de peçonha pouco antes da morte escreue que pedio P*adr*e e Jgreja como se elle a não tiuera profanado, acabou como viueo porq*ue* sendo portuguez natural de Lisboa nascido Catholico se tornou Jngrez, herege. Pedirão terras ao Samorim mas não lhes concedeo com medo de se fazerem fortes. Partindo daquy pera o Achem tomarão em Coulão a Nao de hum casado desta cidade per nome Gaspar Pacheco que vinha carregada de Bengala debaixo de nossa fort*ale*za tendo em terra ja algu*m*a fazenda, e podendo a ter toda. Poucas legoas adiante tomarão a Vrca do mesmo Gaspar Pacheco que vinha tambem carregada de Bengala e in solidum a leuarão, de sorte que chegando tres embarcações a esta costa partirão cinco pera o Achem, por deixarem hu*m*a das naos queimada alem de Coulão.

Dizemos portuguezes que elles tomarão na Vrca, e largarão que estas naos vem armadas por Contratadores portuguezes, dos quaes / [f. 1v] alguns vinhão nas mesmas Naos, e a elles em tomando a Vrca entregou o Capitão logo as chaues das escutilhas, e boa proua seja o q*ue* ficou e morreo em Calecuth.

No principio do verão passado chegou ao Cabo de Comorim hu*m*a Nao Olandeza meia destroçada, e com gente ferida, que deuia ser das duas que pellejarão com os nossos galeões que hião pera Malaca, estando ally tomou hu*m*a champana que vinha de Ceilão carregada de Canella, e lançando em terra os portuguezes que nella vinhão a leuou comsigo não sabemos pera onde. Por hu*m*a nao que de Meca veio a Goa soubemos depois que leuarão a canella desta champana a Meca, onde fizerão della bom barato, vendendo o quintal a quatro patacas com que abaterão tanto as fazendas q*ue* não auia quem fallasse nellas.

A armada q*ue* no Setembro passada partio pera Arracão de que era Capitão Dom Fran*cis*co de Menezes chegou lá, o primeiro emcontro que teue com o Mogo perdeo hum Nauio muita gente, depois ajuntarão se com Sebastião G*onçalue*z Tibao a cometeo a segunda vez ao inimigo, ainda que pelejarão esforçadam*en*te com a morte de Dom Fran*cis*co de hum pelouro pella testa se retirarão todos, e armada tornou desbaratada e sem gente a S*ão* Thome, pello que não teue effeito a empreza de Paleacate, e dally veio pera a Jndia, em fim o anno todo pera nos foy bixesto. Bem he verdade que de Bengala pera cá fez algu*m*as prezas, e Naos, e embarcações de mouros, queimando 14. ou 15. entre naos e pagueis.

[1] Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987

Sebastião G*onçalue*z depois desta armada partida pera a Jndia, vendo ao inimigo mogo Rey de Arracão vitorioso, e assy sem gente, e armada largou-lhe a Jlha de Sundiua, mas <o> mogo dizem que sahio, e assy tornaua Sebastião g*onçalue*z a mandar pouoar a Jlha por seu Jrmão Ant*oni*o Caru*alh*o.

Os quatro galeões que hião pera a Manilha ficarão em Malaca por não poderem passar em tempo que o Achêm sobre ella vinha com 300. vellas das quaes 60. erão galeaças tam grandes que as nossas galles lhe podião seuir de bateis trazião nella o Rey que era o Capitão da Frota 60V mil hom*en*s, infinid*ad*e de artelharia e monições. Os nossos quatro galeões forão pellejar com esta armada, e tiuerão com ella hu*m*a trauada batalha que durou dous dias, queimou se hum galeão nosso, mas o inimigo ficou desbaratadiss*im*o e vencido, matarão lhe perto de 30V hom*en*s, meterão lhe no fundo das galeaças mais 40. de gales, e outras embarcações mais de cento, em fim a uictoria foj muy gloriosa, e teue cousas notaueis

Recolhendo se os galeões a Malaca, vierão sobre elles, oito naos Olandezas / [f. 2] e com virem destroçados, e sem munições pelejarão tam esforcadam*en*te que se dos Capitães da Cid*ad*e forão socorridos como era obrigação, e razão alcançarião outra victoria maior mas matando os inimigos entre outra muita gente, o nosso Almirante Afonço Vaz Cout*inh*o os seus puzerão fogo ao galeão, que ardeo todo, bem verd*ad*e que ja erão pouco mais de dez ou doze homens menos tinha o do Geral Fran*cisc*o de Miranda Henriquez, pois não erão mais que quatro ou cinco, e comtudo elle insistia em se não sair, nem o fizera se os soldados, e hum P*adr*e nosso o não obrigarão estando ja muito mal ferido, o que fez pondo prim*ei*ro fogo do galeão que arebentou todo, sô ficaua a outra Nao cujo Capitão era morto na briga, e o que lhe socedeo ferido, e recolhido a fortaleza, e com elle os mais soldados, desta se apoderarão os inimigos, e tirando lhe artelharia a queimarão ally a uista, entre os que os nossos lhe matarão foy o seu Geral. Partidos daly puzerão fogo a hu*m*a das suas naos por ir muito destrocada, e se forão por na bocca do estreito a esperar as Naos da China.

O Gou*ernad*or das manilhas Dom João da Sylua com as nouas deste soccorro que lhe hia era partido com hu*m*a fermosa armada pera ir a Maluco, mas vendeo que lhe tardaua veio na volta do estreito com cuja uinda os inimigos o dezempedirão, e saluou as Naos que vinhão da China que trazião o remedio de toda a Jndia, esperauão por elle em malaca isto he breuem*en*te o q*ue* de la sabemos.

No principio deste Agosto passado chegou a Surrate hu*m*a nao Olandeza que vinha do estreito de Mecca donde emvernara, e deu por nouas que todas as naos que de Dio tinhão partido erão la chegadas. No <meo do> mesmo mes chegarão ao mesmo porto de Surrate outras duas naos que alguns dizem erão Jngrezas das sete que o Jngrez que aquy em Cranganor fallou com o Samorim lhe disse auião de uir este anno de sua terra, as quaes deixaua ordem uiessem tomar a carga que em Calecuth lhe mandaua fazer. Outros dizem que hu*m*a dellas era de mouriscos granadios dos q*ue* S*ua* Mag*estad*e lançou d'Espanha, e parece proua disto, que desamarrando dela hu*m*a veio correndo a costa, e chegando a Calecuth lhe não consentirão comercio por ser gente desconhecida, e junto de Coulão saindo hum Religioso de sam fran*cisc*o a ella cuidando ser Nao do Reyno vio gorras, bem he Verd*ad*e que uio hum P*adr*e da Comp*anhi*a e chamou por elle com muita efficacia, e tinha licença e seguro do Capitão pera lhe fallar. O mesmo lhe brandarão alguns portuguezes que ally hião, mas os marinheiros não quizerão chegar, e assy se foy sem sabermos p*er*a onde hia ne*m* que cousa era, leuaua comsigo hu*m*a galiota que tomou na barra de Goa, e nella hu*m* Jrmão da Comp*anhi*a. / [f. 2v]

Os pataxos q*ue* ell Rey mandou a Jlha de São Lourenço leuar o Principe Dom Andre, descendente de portuguezes, antes de chegarem emcontrarão em hu*m*a Jlha deserta por nome do Cirne dous Olandezes que guardauão a faz*en*da de duas naos suas que ally se perderão, esperando outras que os viessem buscar, e tendo os em seu poder, por lhe dizerem se querião ir com elles os deixarão ir a terra, mas elles se esconderão, e andando os nossos carregando do fato que ally estaua lhe deu hum tempo com que perderão hum batel com alguns homens, e os pataxos desamarrarão e se forão pera a terra de Dom Andre cujo pay respondeo ao p*rimei*ro recado, que tornassem a leuar seu f*ilh*o pois o tinhão a elle tratado mal quando o tomarão, mas alcançando a mãy licença p*er*a ir ver o f*ilh*o a embarcacão fez com o pay fizesse o mesmo, e desse refens p*er*a o f*ilh*o desembarcar, e depois se concertou tudo de sorte que recebeo os portuguezes com amor e ficarão la P*adr*es que logo fizerão Jgreja e o D*om* Andre estando em terra, antes de isso se concertar deu muitos auizos importantes, mas isto irâ de Goa mais difuso e declarado.

Quero tambem aqui ajuntar ainda q*ue* não são do estado as nouas da morte do velho Rey de Bisnaga, chamado Vencattapatti Rayalû, e a nomeação que fez em hum sobrinho seu chamado Chica Rayalu,

deixando de fora a outro que vulgarmente se tinha por seu f*ilh*o mas na verdade o não era, e o caso foy que sendo este Rey casado com hu*m*a Jrmã de Jaga Rayu por nome oBayamâ, morrendo ella por ter hum f*ilh*o nunca ja o alcançou por mais meos licitos e illicitos que pera isso tomou entendendo hu*m*a Bramena da casa do pay desta Rainha o grande apetite que ella tinha a ter f*ilh*o lhe disse, que pois Deos lho não daua, que auia hum mez estaua pejada, e assy lhe aconselhaua dissesse ella a El Rey, e publicasse a todos que estaua prenhe se fingisse tambem pejada de hum mez, porque em a bramena parindo secretamente lhe mandaria a criança ao Paço por pessoa de segredo, e então ella Rainha diria que parira aquelle f*ilh*o, pareceo o Conselho bem a Rainha e soube se bem fingir pejada, e não menos parida em o ponto q*ue* a bramena mandou o f*ilh*o que parira, publicou se logo que a Rainha oBayama tinha hum f*ilh*o mas o Rey soube tudo, ainda que pollo amor que tinha a Rainha e polla não descubrir dissimulou, e fez festas pondo nome ao menino Chica Rayalu que he proprio de Principes herdeiros do Reyno, mas nunca o tratou como f*ilh*o: antes a [*sic*] teue sempre fechado nos paços de Chandigri se [*sic*] lhe ser licito, sair sem particular licença do Rey, a qual nunca lhe daua senão / [f. 3] em comp*anhi*a da Rainha comtudo chegando a idade de catorze annos o casou com hu*m*a sua sobrinha fazendo lhe muitas honras por satisfazer a Obo Rayu ser cunhado.

Tres dias antes da morte d'El Rey deixando como digo este f*ilh*o putatiuo chamou a Chica Rayulu seu sobrinho diante de alguns grandes do Reyno, e estando o a mão dereita na qual tinha o anel do estado, e lhe acenou o tirasse, e ficasse socessor do Reyno, com o que o sobrinho rompendo em soluços disse a El Rey que o desse a quem quizesse, que elle não queria ser Rey, e com isto se debruçou chorando sobre os pês do velho. O Rey fez sinal aos circunstantes que o aleuantassem, o q*ue* elles fizerão e puserão a su mão dereita, então tornou a estender a mão pera que elle tomasse o anel, o qual aleuantando as mãos sobre a cabeça (parece que adiuinhaua ja quanto aquelle anel lhe auia de custar) disse a El Rey que lhe perdoasse que não queria. O velho então tirou o anel, e o chegou a ponta do dedo offerecendo o a 3ª vez a Chica Rayulu, que por conselho dos Capitães p*re*sentes o tomou pôr sobre a cabeça, e logo no dedo deramando muitas lagrimas, Mandou logo uir o Rey sua Cabaya que val mais de 200V *cruzad*os seu diamante grande ou orelho em que estaua que val mais de 600V suas orelheiras que valem mais de 200V seus aljofres grandes que são de summo preço todas peças reais que entregou a seu sobrinho Chica Rayulu como a sucessor seu, e por tal foy logo publicado com q*ue* muitos folgarão, e outros intristecerão.

Dally a 3 dias morreo El Rey de 67. annos foy o corpo queimado no seu jardim com paos cheirosos de sandalo, aquila, e outros logo a tarde se queimarão tres Rainhas, hu*m*a da id*ad*e d'El Rey e duas de trinta e cinco annos, estas mostrarão grande animo, porque saindo ricamente vestidas com muitas joyas de ouro e pedraria em chegando a fogueira as repartirão dando parte a alguns parentes, parte aos bramanes que rogassem por ellas, parte lançando arebatinhas, logo despedindo se de todos, e sobindo se em hum lugar alto se lançarão no meio do fogo que era grande, e deste temporal passarão ao eterno.

Começou logo o nouo Rey a gouernar lancando alguns Capitães fora da fortaleza, e retendo outros comsigo, e todos lhe uierão dar obediencia tirando tres. Jaga Rayu que tem seiscentos mil crusados de renda, e poem vinte mil homens em campo. Timanaique que tem 400V *crusad*os de renda, e poem doze mil homens, Maca Raya que tem 200V *crusad*os de renda e poem seis mil homen*s* em campo, estes se vnirão e jurarão de não dar obediencia ao nouo Rey antes em seu lugar aleuantar o f*ilh*o putatiuo do Rey morto e sobrinho de Zaga rayu p*r*incipal nesta conjuração pera o que em pouco dias se lhe offereceo a occasião / [f. 3v] seguinte. Desgostou o nouo Rey a tres Capitães ao Dalauay que he Capitão do campo, e tem 500 V *crusad*os de renda querendo lhe tirar duas fort*ale*zas pera as dar a dous filhos seus. O 2º foy o seu g*ou*e*rnad*or a quem pedio cem mil crusados pello m*ui*to que furtara a El Rey velho seu tio, O 3º narpa rayu por lhe pedir as joyas que hu*m*a sua Jrmâm molher do Rey velho lhe dera. Todos tres responderão ao Rey, que dentro em dous dias farião o que lhes mandaua, nos quaes secretam*en*te se vnirão com Zaga rayu pera aleuantarem seu sobrinho por Rey como fizerão na forma seguinte. Mandou Zaga rayu dizer ao Rey lhe queria dar obediencia fazendo o mesmo Timanaique, e maca Rayu, da lhes o pobre Rey entrada escolheo Zaga Rayu cinco mil homens, e deixando os mais fora da cid*ad*e como estes escolhidos entrou na fort*ale*za o mesmo fizerão os outros dous conjurados leuando cada hum comsigo dous mil escolhidos, tem a fort*ale*za dous muros chegados elles a primeira porta deixou nella a Zaga rayu mil homen*s*; e outros mil na 2ª. O dalauay tomou outras duas portas da fort*ale*za da outra parte e avendo algum reboliço a uos de treição, treição que soou mandou o Rey fechar as portas do Paço, as quaes chegando os conjurados a

quizerão logo quebrar. Maca Rayu lhe foy a mão, dizendo que elle lhes entregaria o Rey o que fez, mandando lhe hum reccado que se entregasse, e que lhe daua sua palaura de lhe não fazerem mal, porque o sobrinho de Zaga rayu auia de ser Rey pois era f*ilh*o do morto, o pobre do cercado vendo se sem gente, e sem remedio debaixo desta palaura se sahio da torre em que estaua com sua molher e filhos, passando pollo meio de todos com rosto graue e severo, mas com os olhos baixos, não ouue nenhum, que com as mãos juntas sobre a cabeça lhe não fizesse reuerencia sem elle a fazer a ninguem.

Saido o Rey chamou Zaga Rayu ao sobrinho, e o coroou fazendo que todos os Capitães prezentes lhe dessem obediencia, vendo se elle ja coroado, entrou nos paços, e tomou posse delles, e das riquezas e pedraria que achou que se he verdade o que o rellatorio affirma sô de diamantes finos achou tres caixões depois disto poz guarda estreitissima ao Rey deposto de todos dezemparado so hum capitão per nome echamanaique que estaua fora da fort*ale*za com oito mil homens se não ajuntou ao Zaga Rayu, antes ouuindo a traição aleuantou o campo, e se recolheo a hu*m*a fort*ale*za sua, e começou a juntar mais gente a este mandou reccado Zaga Rayu uiesse dar obediencia a seu sobrinho senão que o destruhiria, a reposta foy que o echamanaique não era homem que aleuantasse as mãos a hum rapaz cujo pay se não sabia, / [f. 4] nem constaua, de q*ue* casta fosse, e q*uan*to ao destruir se quizesse delle algu*m*a cousa chegasse, que com a gente que tinha o estaua esperando, vista esta resposta buscou o Zaga Rayu mil molificatiuos de promessas de honras e rendas, mas a nada se abrandou, antes com sua gente sahio ao campo, e offereceo batalha a Zaga Rayu, dizendo q*ue* pois tinha todos os Capitães per sy pellejasse com elle, e o vencesse, e que então ficaria seu sobrinho Rey absoluto sem contradição, desesperado a Zaga rayu deste ajuntou assy outros mais Capitães do R*ei*no com promessas e dadiuas.

Emquanto o Zaga Rayu isto fazia echamanaique trabalhaua de auer por algu*m*a uia ao Rey prezo, mas vendo que era em vão pretendeo tirar da prizão sequer hum f*ilh*o seu como tirou desta man*ei*ra. Mandou chamar ao Mainato que lauaua a roupa do Rey prezo, e fez lhe grandes promessas se lhe trouxesse o f*ilh*o do meio do Rey deu lhe o mainato a palaura que em breue lho traria se no negocio ouuesse segredo. Chegado o dia em que costumaua leuar a roupa lauada a El Rey lha leuou, e com ella hu*m*a ola de echamanaique na qual lhe pedia effecazm*en*te pello menos hum f*ilh*o seu dos tres que tinha, e q*ue* seguramente o podia entregar ao mainato assy o fez El Rey entregando lhe o segundo, que era de doze annos, por o mainato se não atreuer a leuar o primogenito que era de dezoito, entregue do menino o meteo no meio da roupa suja, auisando o que não temesse, nem gritasse ainda que sentisse algu*m*a dor, e pera poder passar mais seguramente as guardas tomou na ponta de hum bordão, huns panos ensagoentados (ac si essent mulieris menstruate) aos quaes todos tem grande asco, e pondo a roupa as costas sahio dizendo tall*â* tall*â*, que quer dizer afasta afasta por causa dos pannos que leuaua na ponta do bordão, e dando lhes todos lugar sahio da fort*ale*za e foy a sua casa onde por tres dias esteue o principe escondido, no fim dos q*uae*s o leuou a echamanaique que estaua a hu*m*a legoa da cid*ad*e, e lho entregou do qual, e de todo o exercito foy recebido com grande festa diuulgou se logo o furto, chega noua a Zaga rayu manda uer o Paço acha ser verd*ad*e e sentio o de sorte que muitos dias entrou em sy, e chegou a tanto que não só dobrou as guardas ao Rey preso, mas tapou as portas, e mandou que ninguem lhe desse de comer senão aros e bredos.

Com a noua que o echamanaique tinha o f*ilh*o d'El Rey se passarão pera elle quatro Capitães de Zaga Rayu com 8V homens, e ja o campo era de 16V com q*ue* tomou animo pera defender ao Rey verdadeiro, procurando de o tirar dos apertos em que estaua desta maneira; escolheo entre todos aquelles soldados vinte que se apostarão a fazer hu*m*a mina que chegasse ao Paço donde estaua / [f. 4v] o Rey prezo. parten se co*m* esta resolução entrão na Fort*ale*za offerecen se ao Dalauay pera o seruir recebem soldo, e depois de alguns dias começão a Mina que foy dar dentro dos paços d'El Rey, o qual vendo por ella entrar soldados em sua casa ficou pasmado, e não menos quando vendo os prostrados em terra lhe entregarão hu*m*a olla do echamanaique, em que lhe pedia que se entregasse aquelles soldados que elles o tirarião da fort*ale*za pera effeito do qual El Rey se despio com muita preça cobrindo se com hum panno, e despedindo se de sua mulher f*ilh*os e f*ilh*as emcommendando lhes não tiuesse*m* medo, que elle em sendo liure os liuraria a todos, mas o caso foy, que neste mesmo tempo dos soldados que vigiarão o Paço de noite com [2] tochas hum delles cahio em hu*m*a coua a cujos gritos acudirão os mais que que [*sic*]

[2] Riscado: "todas".

cauando descobrirão a Mina, polla qual entrando no Paço acharão ja o pobre Rey com os pés nella pera se acolher, prendem no, e dão logo o rebate a Zaga rayu que o mandou por em outro lugar mais apertado, e estreito, e com mais vigias com que o pobre Rey desconfiou de poder fugir.

Vendo echamanaique que este ardil lhe ficara em vão peitou grossam*en*te a hum Capitão de quinhentos soldados que estaua na fort*ale*za pera que avendo boa occasião matasse as guardas, e lha entregasse. Este que se chamaua Jteoblezâ vendo a Zaga rayu hum dia saido com todos os seus a receber certo Capitão q*ue* se lhe vinha a sogeitar, e que na fort*ale*za não ficauão mais que cinco mil homens em menos de hu*m*a hora matou as guardas se apoderou de tres portas mandando recado ao echamanaique viesse tomar posse da fort*ale*za mas mais depressa a teue Zaga rayu, o qual voltando com toda sua gente entrou por hu*m*a porta falsa de q*ue* Jteobleza se não precatou, e assy lhe custou a uida a elle, e a todos os seus quinhentos soldados. Com este sucesso emfadado Zaga rayu pera asegurar o partido do sobrinho se resolueo matar o Rey prezo com todos os seus, entrega o neg*oci*o a hum Jrmão seu por nome Chinaob rayu que entrando na prizão disse ao pobre Rey que se matasse, se não que elle mataria as punhalladas pretendeo o prezo, escusar se com dizer nada sabia da reuolta passada, mas vendo a resolução de Chinaob rayu que lhe dizia auia de morrer forçadamente, ou por sua propria mão, ou por alhea. Caso lastimoso, e digno de compaixão chama o pobre Rey a Rainha sua molher, e depois de ter com ella alguns comprimentos a degola, chama seu f*ilh*o mais pequeno faz o mesmo a mesma morte deu a outra filhinha, e depois chamando ao f*ilh*o mayor que ja era casado lhe manda dee a morte a sua molher, que logo a degolou, feito isto tomou o Rey hu*m*a espada larga de quatro dedos, e deixando se cair / [f. 5] sobre ella acabou a vida, e o mesmo fez o f*ilh*o morgado a imitação do pay. Ficaua ainda hu*m*a f*ilh*a pequenina, que o Rey por ser tal não quiz matar, mas Chinaob rayu a matou por não ficar da geração do Real sangue, e pera asegurar o gouerno do sobrinho.

Muito lastimou a alguns Capitães tam horrendo caso, e assy exesperados co*m* esta crueldade, se passarão pera echamanaique resolutos a defenderem o menino furtado pello mainato que sô ficaua da geração Real, echamanaique vendo tam exhorbita*n*te deshumanid*ad*e confiado na justiça da causa que tinha, por sy escolheo dez mil soldados dos melhores, e com elles aprezentou a batalha a Zaga Rayu que tinha passante de sesenta mil com muitos elefantes, e cauallos, e mandou lhe hum recado nesta forma, ja que matastes a uosso Rey, e a toda sua geração, e sô fica este menino que uos furtey, e tenho aquy sahy a campo com toda essa gente matay este e assy; e entam ficara vosso sobrinho seguro no gouerno. Quiz o Zaga rayu dissimular por algum tempo, mas vendo que echamanaique instaua, se resolueo a prouar a mão co*m* elle confiado que com a multidão de seus facilmente não sô venceria mas tomaria as tomaria as [*sic*] mãos, a echamanaique, e o f*ilh*o do Rey. Saye a campo com toda sua gente entrega echamanaique ao menino dez mil homens que estauão daly hu*m*a legoa, e elle com outros dez mil, não sô aprezenta batalha, mas he o primeiro que a comete com tanto impeto, e tanto esforço que o Zaga rayu com todos os seus em companhia de seu sobrinho virarão as costas deixando abertas as armas de seus inimigos, de que muitos ficarão mortos no campo. Entra echamanaique victorioso nas tendas de Zaga rayu acha nellas todas as Reaes insignias que forão do Rey Velho, as quaes entregou logo ao menino f*ilh*o de Chicanayulu apregoando o por legitimo herdeiro e Rey de todo Jmperio de Bisnaga, a preza que tomou foy muito grande, porque sô em pedraria dizem q*ue* achou dous contos d'ouro.

Com esta vitoria se chegarão a echamanaique muitos Capitães. Tanto q*ue* em breue se vio com 50V homens de pelleja em campo, e Zaga rayu com sôs quinze mil fugido pellos matos, mas logo foy ajuntando mais gente, de sorte q*ue* a guerra se continua vay em dous annos, fauorecendo huns Capitães a hum, outros a outro, mas sempre o partido do menino furtado foy perualescendo. Por mais que o grande Naique de Madurê pagem de Betre do Rey de Bisnaga, que lhe paga de parcas cad'anno segundo dizem seiscentos mil pagodes, e tem debaixo de sy muitos Reys, e grandes por vassalos como he o de trauancor tomou as partes de Zaga rayu pera as defender contra o Naique de Tanjaor, que ainda que mais pequeno com a ajuda do Reysinho vay perualescendo, antes estão ja todos juntos em campo nas largas plainas e espaçosas de Trinchenepali capazes não sô he cem mil homens que cada p*ar*te tem, mas de contos de gente. / [f. 5v]

Com occasiões destas guerras ciuis a Cid*ad*e de S*ão* Thome que ate agora foy d'el Rej de Bisnaga, e lhe pagaua suas rendas e dereitos, que elle costumaua dar a alguns Capitães com que os portuguezes erão muitas uezes vexados determinou de se libertar ficando em tudo, e por tudo sendo d'El Rey de

Portugal pera o que pedio ao Viso rey mandasse tomar posse della em nome de S*ua* M*agestad*e como elle fez, e ao diante direy, entretanto q*ue* o Capitão que gouernaua por nome Manoel de Frias vendo que junto da Cid*ad*e estaua hu*m*a fort*ale*za que asoberbaua determinou de a tomar, por força por o Capitão della lhe não querer entregar, e assy lhe pôs hum cerco tam apertado que ninguem della podia sair, e como a gente que estaua dentro era muita com ter cinco poços dentro, por ser o tempo de grande [3] seca, foy tal a sede que os apertou que se resoluerão a entregar a fort*ale*za pera o q*ue* mandarão o p*rimei*ro reccado dizendo q*ue* se sairião com tanto que lhe deixassem fazer outra de barro alem do Rio que he meia legoa da Cid*ad*e. O Capitão lhe respondeo que per nenhum caso tal consentiria, mandarão logo o 2º reccado q*ue* se sairião, mas que auião de ser senhores da terra e rendas como atee gora forão, muito menos veio nisto o Capitão. Finalmente pedirão licença pera se sairem com suas armas e leuar comsigo hu*m*a peça grossa de artelharia que tinhão. O Capitão lhes deu licença pera cada hum leuar as costas as armas, e o mais que pudesse, mas que a peça auia de ficar. aceitarão o partido, e aos onze de Junho de bis . as quatro da tarde se sairão da fort*ale*za mais de 1500. homens . o Adigar em vendo o P*adr*e Reitor da Comp*anhi*a se chegou a elle dizendo lhe que errara em não tomar seu conselho que lhe dera antes da guerra que entregasse a fort*ale*za, e seria s*enh*or das terras, e q*ue* pello não ouuir perdia agora tudo, porem que lhe pedia que o acompanhasse atee o por em saluo dos moços dos portuguezes. O que elle fez leuando o pella mão hum grande espaço. Saida esta gente entrou o Capitão na fort*ale*za aruorando nella p*rimei*ro que tudo a bandeira de Christo. Logo se repicarão os sinos em toda a Cid*ad*e. Acharão se na fort*ale*za muitos mantimentos, poluara emxofre chumbo ett*c*. A pilhagem durou mais de tres horas, a peça he de 25. palmos.

Com esta fort*ale*za estar tam perto de nossa cidade, que não sô estaua a bataria mas a falla, era tal o resguardo que nella tinhão os inimigos que quando os nossos agora a uirão pasmarão os nossos de ver quam grande era, quam bem feita, quam forte com seus entrelhos, e repairos, e ameas, toda quadrada de pedra da quantaria. Depois se começou a obra a desfazer que durou alguns dias com muito feruor arazando todos os muros, e começando a querer a gente por por terra os pagodes, não sey com que intento a Cid*ad*e / [fl. 6] acudio q*ue* os deixassem ficar em pee, sendo assy que estes ouuerão de ser os p*rimei*ros mas a cubiça e respeitos humanos muitas vezes podem mais com os homens, q*ue* o seruiço e honra de D*eo*s.

No mayo passado mandou o V*iso* Rey Ruy Dias de Sampaio com sete nauios d'armada a S*ão* thome assy pera tomar posse daquella Cidade em nome de Sua Mag*estad*e e a conseruar e a defender em paz dos de fora, e de dentro como fez, como tambem pera os nauios correrem aquella costa cujo sucesso porey abaixo. Ajudado das occasiões das guerras, que os negros entre sy tem se concertou com a parcealidade do Reysinho furtado pello mainato pera que da mão commum conquistassem algu*m*as terras ao redor de S*ão* Thome, e que as que se tomassem se repartissem pello meio de que ja couberão a cid*ad*e de S*ão* Thome mais de 30. aldeas, afora algu*m*as que pessuem alguns cidadões particulares, e de todas se gosão, e colhem ja os fruitos do rendimento, e se as guerras durarem muito mais auerão. O ponto estâ depois na conseruação dellas tambem se trataua conserto p*er*a se darem Paleacate, mas serâ o que for que elle'sta e se uay cada dia mais fortificando.

Mandou Ruy Dias seis Nauios, e nelles por Capitão mor Pero Gomez de [....] a correr a costa do Gergilim a Massulapatão na qual depois de terem feito algu*m*as prezas de roupas, e gente queimando algu*m*as naos, forão enganados por hum homem que lhes disse se desembarcassem em certa parajem, os leuaria facilmente a hum thesouro. Mas este foy o da morte pera quasi todos, porque metendo os em hu*m*a cillada que estaua armada, ainda que pellejarão valerosamente, e matarão muitos dos inimigos morrerão 130. portuguezes, e ficarão catiuos 30. ou 40. dos q*ua*es se ficaua tratando o resgate pollos outros negros tomadas nas presas passadas. Os nauios sabendo o desbarate se fizerão ao mar cada hum com 4. ou 5. soldados que ficauão pera os vigiar, e chegarão a S*ão* Thome com a triste noua. O B*is*po de S*ão* Thome D*om* Sebastião de S*ão* Pedro elleito de Cochim chegou a esta cidade aos 16. de nou*emb*ro tomou posse com juram*en*to feito aos 20. na sua see.

As nouas das minas de prata de Sofalla são muito boas, per q*ue* se escreue que alem de se tirar muita responde a mais de metade, o que se assy he como affirmão em poucas minas se achara tal res-

[3] Riscado: "serco".

pondencia, a verdade he que ella correja por toda aquella costa em abundancia, e ha ja baixellas della, e chega a Goa, mas praza a D*eo*s (assy como e no mais) que não descubramos pera outros porque a receão muitos, e não sem fundamento, deixo de se meter neste particular o cabedal que pera tam importante negocio he neces*sari*o, nem se fação os fauores deuidos, a quem as conquistou, e entregou com trabalho, e dispendio seu como pede a razão / [fl. 6v] o mais tocante a esta materia, e a Jlha de S*ão* L*ouren*co em q*ue* acima toquey deixo p*er*a se escreuer largamente de Goa, a quem propriamente pertence.

Por hu*m*a breue de Dom Nuno Alu*arez* P*ereir*a Geral de Ceilão pera o P*adr*e Gaspar fer*nandes* Prou*incia*l soubemos agora como elle em pessoa fizera hu*m*a entrada nas terras de Candia, e chegara com seu exercito aonde nenhum geral passado chegou que foy ao lugar onde se perdeo Pero Lopes de Sousa na p*rimei*ra entrada que sendo V*iso* Rey Mathias d'Albuquerque nella fez, e ainda passara avante sem resistencia se a falta de mantimentos o não obrigara a se recolher, porem trouxe 700. cabeças de preza afora 60. ou 70. que cortou não fallando no gado que deuia ser muito as mais particularid*ad*es desta entrada, e das mais cousas pertencentes a esta Jlha esperamos cada hora, se uierem a tempo trabalharey de as mandar este anno quando não ficarão p*er*a o q*ue* vem se la chegarmos.

De Cochim 12 de Dez*embr*o de 616.

a) Manoel Barradas

CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA